

## NOTAS PARA A HISTÓRIA DE RESTINGA SÊCA.

(Rio Grande do Sul).

---

Convidados a escrever alguma coisa sôbre a História dêsse município sul-riograndense há pouco instalado, iniciamos uma pesquisa, que foi demorada, mas, encontramos algo que nos parece ser de interêsse específico do município, ou seja a chegada pela primeira vez dos portugêses nesse rincão.

Iniciamos os nossos estudos com uma pesquisa concernente aos Caminhos do Rio Grande do Sul, pois é daquela época o intensivo interêsse pela ocupação destas terras, tendo em vista, entre outras coisas, a instalação das Missões, e o que poderíamos dizer, as ramificações de suas Estâncias até Santa Tecla, para o sul; e Vacaria, para o leste; bem como a preocupação dos portugêses em manter ligações com Laguna e a Colônia do Sacramento.

Em segunda nos preocupamos com a demarcação consequente do Tratado de 1750, sem têrmos tido necessidade de chegar a do Tratado de Santo Ildefonso, como veremos a seguir.

Gomes Freire, depois de haver colocado alguns marcos do seu serviço de demarcação em 1752 até a região de Santa Tecla, esteve em Rio Pardo em 1754 e, considerando ter sido sua intenção a ocupação das Missões, achamos que o meio mais provável de encontrar-se algo mais antigo que interessasse ao Município de Restinga Sêca seria estudar a respeito de Gomes Freire, uma vez que Restinga é um território muito no interior e onde, naturalmente os pioneiros de 1737 não andaram, e nem era caminho natural dos lagunenses. Gomes Freire, de Rio Pardo, para onde deslocou-se após as investidas de Sepé e de seus índios, em princípios e em meados de 1754, marchou em agôsto para oeste, atravessou o Rio Pardo (Yobi), denominado também pelos índios de rio Azul e de rio Verde, logo em seguida, o Butucarai; e atingiu o rio Jacuí, denominado de Yacuí ou rio de los Faisões, a 7 de setembro.

No local que denominou Passo do Jacuí permaneceu uns dois meses e meio, tendo-se retirado para Rio Pardo, após haver firmado um tratado com os índios. Verificando onde se situava o “Passo do Jacuí”, acreditamos ser um local acima da confluência com o Vacacaí.

Na margem direita do Jacuí acamparam os índios e, na esquerda, os portugueses de Gomes Freire. Portanto, pouco ou quase nada seria do interesse de Restinga Sêca se tivesse sido um simples acampamento de índios, e não como de fato foi, um acampamento de grande número deles, com o fim de embaraçar ou mesmo de não deixar Gomes Freire e seus comandados seguir adiante, em direção às Missões.

A despeito do recuo de Andonaigue, estivesse Gomes Freire bem seguro de suas possibilidades, certamente teria tentado continuar a marcha.

Podemos considerar de grande valor histórico o acampamento índio e a assinatura de um convênio ou tratado de envergadura, como foi feito.

O ato de firmar as assinaturas certamente realizou-se no acampamento português, à margem esquerda, atualmente município de Cachoeira do Sul, mas também poderia ter-se realizado na parte de cá, portanto no município de Restinga Sêca.

A margem direita, alguns portugueses, que haviam transposto o rio, permaneceram até o dia 19 de novembro, às primeiras horas (segundo o Padre Tadeu Xavier Enis, ou Henis). Estavam sob o comando do Coronel Alpoim.

Foi importante a existência do referido acampamento dos índios, tanto que os portugueses, para seguir para as Missões, só realizaram a marcha em princípios de 1756, e por outro caminho, como todos sabemos.

Surge agora a seguinte questão: por que teria sido feito êsse tratado?

Diremos então, em rápidos traços, que após haver Gomes Freire chegado ao Passo do Jacuí, recebeu carta de Andonaigue, governador de Buenos Aires que havia subido o Uruguai sem conseguir atingir São Borja, para onde se destinava, informando da impossibilidade de prosseguir e aconselhando Gomes Freire a retroceder a Rio Pardo.

Era intenção reunirem-se nas Missões, onde se realizaria a solenidade da entrega das mesmas aos portugueses.

E' de acreditar-se, hoje em dia que, embora o ataque dos índios tivesse realmente assustado o espanhol, também houvesse o desejo de protelar a entrega de tão rico território aos por-

tuguêses, pois poderia acontecer haver na Europa um entendimento entre os soberanos ibéricos, e ficar sem efeito o tratado de 1750. A razão de pensar-se assim, prende-se ao fato de que, anos depois, com o tratado de 1777, ter realmente revertido aos espanhóis o território em questão, até que, em 1801, ficou sendo nosso.

Gomes Freire protelou um pouco a retirada e a realizou só após um entendimento com os índios que lhe assegurava ao menos a posse, para S. M. Fidelíssima, do território à margem esquerda do Jacuí.

Naturalmente não achava Gomes Freire muito seguro investir contra os índios que, naquele local somavam 1.500 apenas, mas que certamente, poderiam existir em número muito maior. Pensamos poder acreditar ter sido o referido tratado um documento diplomático, tendo em vista que os índios também não se achavam seguros, tendo muitos deles regressado às Reduções, para os serviços de cultivo das terras e, ainda, pelo fato de não estarem tão unidos como certamente julgavam os portugueses.

Ambas as partes interessadas faziam o jôgo do desinteressar-se no prosseguimento das operações. Acreditamos ainda que seja êsse documento o primeiro firmado por naturais dêstes rincões, em defesa de seus pagos (1).

Finalizando, transcreveremos a parte final do tratado, que consta do **Diário** do Padre Tadeu:

“les hizo jurar sobre los Santos Evangelios, corroborando este juramento com el suyo, y otorgó una escritura firmada de los nombres de los suyos, y delos Indios principales, en la cual mutuamente se prometian que ni la una ni la otra parte se ofenderia hasta que por los Reyes de España y Portugal se diesse la ultima y definitiva sentencia sobre las quejas dadas, ó que en adelante se dissen por los Indios, ó hasta que el ejercito español no volviese. Que ambas partes se volverian à sus tierras, y que ni una ni otra facción passaria el rio: que si los Indios, le pasasen para ir à las tierras de los portugueses fuesen hechos prisioneros por esto, y reciprocamente aquellos por los Indios en caso que intentasen passar el mismo rio para ir á las tierras de los Indios. Pidieron solamente se les permitisse detenerse algun tiempo á

---

(1). — A propósito da palavra “pago”, com a significação do local em que alguém vive ou viveu e de quem tem saudade quando se ausenta e ao qual deseja voltar, acreditamos que o uso ou o emprêgo dessa palavra, bem nossa, nos veio da época dos jesuítas, pois lemos essa expressão no **Diário** do referido Padre Tadeu.

orillas del río Yobi, mientras las caballerías recobrasen las fuerzas perdidas. Firmaron estas treguas por parte de los portugueses: El mismo Capitán General Gómez Freire de Andrade, Martín de Echauri, Español, Gobernador de Montevideo, Miguel Angelo Blasco, Tomás Luis Osorio, Francisco Antonio Cardoso de Meneses y Sousa, Tomás Clarke, Sacerdote secular, Capellán de Gómez, en cuyas manos se hizo el juramento; y por parte de los Indios Cristóbal Acatú, Fabian Guaqui, Francisco Antonio, y Bartolomé Gandayu, Santiago Pindo, Don Ignacio Jariguazu, Don Lorenzo Alboype, Don Alonso Gairaye. Concluidas estas cosas el 18 de Noviembre á media noche, los portugueses que estaban de la parte de acá del río le pasaron sin hacer rumor y unidos los batallones, se fueron á la sordina, y el diez y nueve al amanecer desaparecieron enteramente”.

**LUIZ PRATES CARRIÓN**